

# Governo se apóia em bloco de centro e isola extremos

Rodolfo Fernandes

**Brasília** — O governo já organizou, na prática, um grande bloco de sustentação política na Assembléia Nacional Constituinte. Os resultados das votações de matérias no plenário, desde o início do mês, indicam que o Palácio do Planalto tem tido êxito na sua estratégia de isolar a esquerda e a direita, abrindo caminho para passar com seu grande bloco de centro. A rejeição do pedido de convocação do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, quinta-feira, foi a maior prova de força dada por Sarney no plenário da Constituinte.

A oposição parlamentar ao governo está limitada, segundo dados de que dispõe o líder do governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna, a pouco mais de 100 votos entre os 559 parlamentares. O PMDB, como força heterogênea, relutava em alinhar-se com o governo automaticamente mas, sob pressão, acaba cedendo. A indefinição dos pemedebistas está abrindo espaço para que o deputado José Lourenço, líder do PFL na Câmara, seja o verdadeiro líder do governo na Constituinte.

## Ameaça

Na quinta-feira, o líder do PMDB na Câmara, deputado Luís Henrique, reuniu-se com as lideranças dos pequenos partidos, no gabinete do deputado Brandão Monteiro, líder do PDT, e aceitou a convocação do ministro Dilson Funaro para falar na assembléia. Minutos depois, chegou ao plenário e ouviu, aos berros, José Lourenço indignar-se: "Você não pode fazer isso. É o fim da Aliança Democrática" — disse-lhe Lourenço, dedo em riste.

— O PFL, que tem participação menor do que o PMDB no governo, está querendo ser mais realista que o rei — analisa Brandão Monteiro, que considera arriscada a indefinição do PMDB na Constituinte. "O PFL está funcionando como o real partido de sustentação política do governo", afirma.

O Planalto já se empenhou, desde a instalação da Constituinte, em três votações importantes. E ganhou as três. Sintomaticamente, com resultados parecidos. Na disputa entre Ulysses Guimarães e Fernando Lyra pela presidência da Câmara, apenas 155 votos foram contra o governo. Quando se tratou da inclusão dos senadores eleitos em 1982 na Constituinte, apenas 126 votos foram contra a orientação do Planalto de dar-lhes voz e voto na assembléia. Por último, os votos que defenderam a convocação do ministro Dilson Funaro para depor na Constituinte não passaram de 121 (contra 394 que seguiram à orientação oficial).

## "Anjos" arrependidos

— O governo está usando a direita, através do PFL, para forçar o PMDB a votar em suas propostas — detectou o deputado José Genoíno (PT-SP).

O primeiro vice-líder do PMDB, deputado Ibsen Pinheiro, disse a Genoíno que "entre um acordo com a esquerda, que não nos dá segurança, é preferível se aliar à direita". E é o que está sendo feito: a maioria do PMDB, o PTB, o PFL, uma parte do PDS, eventualmente o PCB e alguns votos do PDT formam o bloco governista.

Os 161 anjos que ameaçaram o governo com a declaração de soberania da Constituinte no início do mês, não passavam de 17 "arcanjos" na votação de quinta-feira. Os únicos partidos "fechados" contra o governo são o PT e o PC do B — todos os seus votos são dados de forma independente. O Planalto tem tentáculos que chegam ao PDS, ao PCB e até ao PDT de Brizola. O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho, defensor de uma oposição "confiável" ao governo, teve uma violenta discussão em plenário, na quinta-feira, com o líder pedessista Amaral Neto, que faz oposição sistemática às recomendações do Planalto. "Nós não podemos ir para o pau. Isso é loucura", dizia Passarinho.

Amaral Neto, por sua vez, já estava articulado com o líder do PT, Luís Inácio Lula da Silva, para encurralar o PMDB em plenário. Nesse mesmo dia, de manhã, Lula telefonara para Amaral Neto e os dois decidiram uma estratégia comum para se defenderem do "rolo compressor" do PMDB e do PFL.

No PDT, o governo tem encontrado em alguns casos a compreensão de pelo menos dois deputados, Bocayuva Cunha e Roberto Dávila. Apesar de não participarem do bloco da Aliança Democrática, ambos foram eleitores de Ulysses Guimarães e votaram a favor dos senadores de 82.

Apesar do barulho que tem feito a oposição, o governo garantiu um espaço mínimo de atuação e conseguiu aparentemente enquadrar a rebelião do PMDB. A estratégia oposicionista, comandada pelo PT, nessa situação, é submeter todas as questões a voto, para marcar posição.

— Nós vamos continuar perdendo as votações, mas vamos desmascarar muita gente — consola-se José Genoíno.

## Antônio Brito diz que "anjos" não recuaram

**Brasília** — Acusado de xiita pela cúpula do PMDB e de traidor pela esquerda, o deputado Antônio Brito, líder da rebelião dos novos parlamentares pemedebistas que pregam maior participação dentro do partido, considera que a guerra pela soberania da Constituinte foi conquistada, de forma inequívoca e definitiva, dentro do próprio regimento interno da assembléia. Brito não aceita a acusação de que os rebeldes recuaram e fizeram o jogo do Planalto na votação que impediu a convocação do ministro Dilson Funaro ao plenário da Constituinte para dar explicações sobre a dívida externa e a crise econômica. "Soberania não se conquista todos os dias com votações no fim do expediente. Se conquista de forma definitiva e concreta."

A conquista a que se refere o deputado é o acordo, firmado, "com o bater do martelo" entre o grupo "Pró-Soberania" — ou "ex-anjos", "ex-rebeldes", "ex-xiitas" —, integrado por cerca de 80 pemedebistas, e os líderes do PMDB, deputado Luís Henrique e senador Fernando Henrique Cardoso e o líder do governo na Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna.

Pelo acordo, quatro itens defendidos pelo "Pró-Soberania" foram incluídos no regimento da Constituinte: os parlamentares terão imunidades e inviolabilidade de mandato; haverá precedência da Constituinte sobre a Câmara e o Senado; e os regimentos das duas casas legislativas se adaptarão ao regimento da Constituinte; o regimento será precedido por um preâmbulo que declara o poder da Constituinte, seja para elaborar a nova Constituição, seja para sustar medidas que possam ameaçar os trabalhos e decisões da assembléia.